

Muitas dádivas e um reconhecimento: David Maybury-Lewis

Roberto DaMatta

Estava vendo Paris pela primeira vez e dentro de mim uma voz dizia que eu havia conseguido. Afinal, visitar a “cidade luz”, como remarcava minha mãe tirando do piano uma canção de Charles Trenet, não era, naquele final de 1960, coisa para qualquer um. Mas eu estava lá e experimentava os cafés e largas avenidas lembrando-me mais do Rio do que da Cambridge, Massachusetts, de onde estava vindo e onde havia deixado minha família. Depois de ter debutado num Congresso de Americanistas em Munique, Alemanha, visitava com meu professor da Harvard, David Maybury-Lewis e alguns colegas, Paris.

Fomos aos museus e encontramos Jean Poullon, um amável colaborador de Lévi-Strauss que estava no auge da fama e muito apropriadamente se encontrava fora da cidade. Não podíamos ver o Papa, mas fomos bem recebidos por um Cardeal do estruturalismo que, lembro-me bem, ficou assustado com a nossa juventude.

Afligido pela mais positiva das saudades, conversei com David sobre como presentear Celeste. Era fácil comprar algo para as crianças, mas o que levar para a mulher amada depois de tantos dias de sentida ausência? David se abriu num sorriso tímido e balançando a cabeça para o lado, como costumava fazer quando recebia uma pergunta, disse no mais perfeito português, pois dominava invejavelmente pelo menos oito línguas, o seguinte:

- Eu sempre compro uma camisola para Pia. É, reconheço, um presente interessado, mas agrada muito. Como diria um

estruturalista, a camisola exprime a uma só vez saudade e desejo.
— concluiu de modo zombeteiro.

A partir daquela viagem, eu sempre comprei camisolas para minha mulher. É um presente delicado, sensual, arrojado, sedutor e sugestivo. Quem experimentar, não vai se arrepender.

* * * *

Na minha última aula de pós-graduação desse semestre, não sei porque, acabei contando essa história para o deleite das minhas alunas. Foi numa quinta-feira, dia 29 de novembro.

No dia seguinte, pensando no professor que me havia dado o inesquecível conselho, telefonei para Cambridge. Falei com Pia e relatei-lhe o fato entre os sorrisos e as inesquecíveis lembranças de nossa velha amizade. David seguia doente e não podia falar comigo. Deixei o recado do nosso afeto.

* * * *

No livro, *O Selvagem e o Inocente* (Editora da Unicamp), David Maybury-Lewis, fala de sua estada entre os índios Xerente e Xavante, entre 1955-56, num tempo em que o interior do Brasil era sertão, não zona de turismo; e os índios não falavam português. Um dos pontos fortes deste relato são as peripécias para se chegar aos índios. É preciso ter uma certa dose de selvageria para experimentar as inocências de meter-se nos espaços perigosos de um “nem aqui nem lá”, como diz pioneiramente Maybury-Lewis.

Pois, em Antropologia Social, antes de iniciar o estudo, há que se conhecer as pessoas e, para isso, é preciso, primeiro, a elas chegar.

Num dado momento da expedição aos Xerente, as vicissitudes da viagem dividiram o casal. Pia chegou no posto indígena, alguns dias depois de David. Quando se encontraram, ela passou horas falando de suas peripécias. Não era fácil para uma mulher afoitar-se no sertão do Brasil Central naqueles dias. No casebre onde se encontraram, pouco tinham para comer, mas antes de finalmente se recolherem para dormir, o encarregado do posto que os hospedava, trouxe-lhes uma bacia com água morna e sugeriu que lavassem os pés, pois assim dormiriam melhor. “Isso é que é hospitalidade”, comenta um David não teve uma camisola para dar à sua amada, mas recebeu a dádiva da água que, limpando o pé do estranho, transforma-o num amigo.

* * * *

Nas minhas duas viagens, com minha família para Cambridge, em 1963 e 1967; fui — como tantos outros brasileiros — hóspede de David e Pia Maybury-Lewis. Sua casa estava sempre aberta aos que peregrinavam por Harvard e precisavam de um eventual santuário. Como esquecer essa dádiva de hospitalidade que deles recebi? Foi a bacia com a água quente que precisava para entrar na comunidade internacional de estudantes de sociedades que foi tão influenciada pela presença generosa da pessoa, do exemplo e, sobretudo, da sabedoria de David Maybury-Lewis.

Em 1968, David Maybury-Lewis e Roberto Cardoso de Oliveira, fundaram, com um auxílio da Fundação Ford e em plena

ditadura militar, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

* * * *

Neste ultimo dia 2 de dezembro, domingo, David Maybury-Lewis, morreu aos 78 anos em sua casa da Bowdoin Street, em Cambridge, Massachusetts. A seu lado estava Pia, a companheira de expedições e de vida, e seus dois filhos.

Impossibilitado de devolver os inúmeros dons que dele recebi, transformo a memória do presente num presente da memória. Um fosso intransponível separa os vivos e mortos. Entre eles e nós, porém, há todos esses dons e dentro deles, o nosso mais profundo e comovido reconhecimento por tudo o que David fez por nossas vidas...